



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

REVOREDO, Luiza. Ecoísmo e Narcisismo numa visão bioenergética. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 13º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [978-85-87691-13-2]. Acesso em: ____/____/____.

ECOÍSMO E NARCISISMO NUMA VISÃO BIOENERGÉTICA

Luiza Revoredo

RESUMO

Este artigo se propõe a uma breve revisão do uso do termo narcisismo na teoria da Análise Bioenergética e aborda a dinâmica ecoísta, descrita por Byington (2003) e Montellano (1996 e 2006), referência à Eco, outra personagem central no mito de Narciso. Sustento o duplo olhar para Eco e Narciso, personagens complementares ao se fecharem no outro ou no eu. Foco as possibilidades defensivas e também criativas de Eco ao ressoar os espaços vazios onde há vida a ser des-coberta, e em Narciso o valor da introspecção na medida boa o bastante para a transformação que o mundo e a Vida insistem em nos exigir, a acolhida do estranho dentro e fora de nós.

Palavras-chave: Ecoísmo. Caráter Narcisista. Cultura Narcisista. Narcisismo.

O narcisismo continua tema central na nossa cultura, pelo hiperinvestimento no espaço privado. O mundo contemporâneo ainda e mais, como diria Reich, favorece a construção de tipos narcisistas em graus e formas variadas para a sua manutenção. Como narcisos, continuamos a nos apaixonar pelas nossas imagens e semelhanças, mas o mundo e a Vida também insistem em nos exigir abertura para o outro, para a aceitação e convívio com o diferente e diverso.

Lowen trabalha brilhantemente este tema no seu livro *Narcisismo – negação do verdadeiro Self* (1983), descrevendo como uma condição psicológica individual e cultural. Individualmente, o caráter narcisista é definido por um investimento exagerado na imagem, às custas do Self. São indivíduos que se vêem como especiais, um ego inflado, são exibicionistas, têm a necessidade de serem perfeitos, sempre auto-referenciados, suas relações afetivas são superficiais, só conferem um lugar ao outro em função de realizar algo para si e seduzem, sua sexualidade tem a função de conquista, sem envolvimento, negam qualquer sentimento que contradiga a imagem idealizada que criaram para si. Em suas histórias eles conheceram a traição e o uso, ocuparam um lugar equivocado nas suas famílias de origem e evitam, ou não conseguem dar conta de ver a tragédia de suas vidas, negando seus sentimentos, por isso se constroem como imagens e reproduzem a manipulação, a sedução e os jogos de poder. Encontram-se num vazio e paradoxalmente buscam a sensação que se dá pelo movimento nos corpos, através da busca frenética de excitação e suposto prazer, circunstâncias tão ostensivamente oferecidas e criadas na cultura contemporânea, os excessos de toda ordem, mas aí se embotam e anestesiam novamente e assim ficam aprisionados neste círculo vicioso.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

REVOREDO, Luiza. Ecoísmo e Narcisismo numa visão bioenergética. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 13º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [978-85-87691-13-2]. Acesso em: ____/____/____.

Culturalmente, vivemos a precariedade dos vínculos e a promoção de um modelo de vida cada vez mais privado e o narcisismo aparece na perda dos valores humanos fundamentais como ternura, compaixão e solidariedade, na ausência de interesse pelo outro e pelo meio ambiente. Lowen identifica um grau de irrealidade e até mesmo de insanidade nesta estrutura e cultura, pois se coloca a ambição e o êxito pessoal acima da necessidade de amar e ser amado, e altera-se todo um equilíbrio ecológico em nome do prazer e de um dito padrão de vida. Isto, segundo ele, só é possível pela ausência de contato com o corpo e suas sensações e sentimentos.

Na teoria da Análise Bioenergética Lowen define um espectro do distúrbio narcisista, uma gradação de cinco tipos em função do nível de identificação do indivíduo com seus sentimentos, base do Self. Quanto mais narcisista, menos identificado está com seus próprios sentimentos, criando uma imagem discrepante do que é de fato. Então, temos em ordem crescente: caráter fálico-narcisista, caráter narcisista, personalidade de fronteira, personalidade psicopática e personalidade paranóide.

Até aqui temos o termo narcisismo utilizado para definir estruturas de caráter e personalidade, mas encontramos também sua utilização em pelo menos estes outros contextos na teoria da análise bioenergética:

1. referido ao aparato defensivo, como sendo um sistema de proteção narcísico;
2. ligado à concentração de energia para dentro de si;
3. como adjetivo, por ex. estar mais ou menos narcisado;
4. ligado à auto-estima, desde sentimentos de inferioridade até a grandiosidade;
5. como ferida narcísica, uma marca deixada por relações e fatos significativos;
6. ligado à escolha de objeto.

Contemplando estes sentidos, temos elementos narcisistas em todas as estruturas de personalidade, por isso continuamos as tessituras neste tema. Montagna (1996) nos lembra que sempre nos vemos às voltas, pessoal e profissionalmente como psicoterapeutas, com a profecia que o sábio vidente Tirésias fez a Liríope, quando esta, apreensiva quanto ao destino do filho de extrema beleza, o consultou: Narciso, se vir morrerá. Somos convidados a ver, mas também a não ver o que não pode ainda ser descoberto ou que suscita reações adversas até o extremo de agressividade.

O termo narcisismo faz referência ao mito grego e Lowen relata a famosa cena de



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

REVOREDO, Luiza. Ecoísmo e Narcisismo numa visão bioenergética. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 13º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [978-85-87691-13-2]. Acesso em: ____/____/____.

Narciso refletido na fonte, seu apaixonamento pela própria imagem e morte ao definir o eixo central na sua compreensão sobre o narcisismo. Entretanto, busco neste mito outro personagem, também central, Eco, com o convite para refletir inúmeros desdobramentos advindos da difícil tarefa de relacionamento com si próprio e com o outro, que considero úteis à clínica bioenergética na contemporaneidade. O termo ecoísmo, portanto, refere-se a esta personagem.

Para esta proposta utilizo a referência de Carlos Byington (2003), analista junguiano que aborda estes dois personagens, Narciso e Eco, como tipos complementares de concentração de energia no eu e no objeto, sendo manifestações de um mesmo processo subjacente. Byington ainda descreve os aspectos criativos e defensivos na estruturação de cada uma destas funções, ecoar e narcisar, o que nos permite fazer uma leitura destes aspectos desde a normalidade, a neurose até a psicose. Bioenergeticamente, então, fazendo uma correlação, definiremos que quando pulsáteis, em fluxo, vamos ter as funções ecoar e narcisar, e quando na dimensão defensiva, contraída, o ecoísmo e o narcisismo.

Raquel Montellano (1996 e 2006), também analista junguiana, continua a elaborar este tema, considerando narcisismo-ecoísmo como funções polares que vão propiciar um investimento libidinal no eu ou no outro, que inclui aspectos comportamentais, cognitivos e afetivos. Montellano define a personalidade fixada numa dimensão ecoísta como apresentando excessiva dependência de amor e aceitação do outro, que sempre é bastante idealizado. Não consegue expressar seus sentimentos, especialmente a raiva, que projeta no outro e vivencia culpa, chegando à depressão e até a condutas auto-agressivas. É muito crítica e exigente, mas se mostra tolerante, humilde. Coloca-se sempre à disposição do outro e lamenta não ser reconhecida e admirada.

Esta é uma caracterização que se assemelha muito ao caráter masoquista, na nomenclatura bioenergética, porém a dinâmica ecoísta não se restringe ao caráter masoquista, ela se faz presente naqueles que se centram mais no outro do que em si e se tornam reflexo do outro.

Quem é Eco no mito? Eco é uma ninfa das montanhas, como ninfa tem a qualidade de misturar-se com tudo, ela é designada por Zeus para distrair Hera, enquanto ele dá suas escapadas para povoar o mundo. Hera descobre que esta ninfa a ocupa com suas tagarelices, suas histórias e a pune, condenando a só reproduzir as últimas palavras do outro, punição que a faz aderida ao outro e à realidade, pela reprodução só do que de fato ocorreu.

Bioenergeticamente, diríamos que Eco ocupa um lugar na economia psíquica do casal, ficando sem a proteção necessária que lhe assegure espaço para construção da sua individualidade e do seu feminino. Eco fica sem grounding, sem pernas e sem voz, com sua



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

REVOREDO, Luiza. Ecoísmo e Narcisismo numa visão bioenergética. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 13º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [978-85-87691-13-2]. Acesso em: ____/____/____.

diferenciação e autonomia bloqueadas, sem condições de expressar seus próprios sentimentos. Nem ao diálogo, nem ao silêncio ela tem acesso, ela só ecoa o outro. A ferida narcísica de Eco se dá por ocupar um lugar que não é seu, carregando a sensação de não ser percebida e, portanto, dependente do outro para obter este reconhecimento. Observa -se um deslocamento de um traço da oralidade, a dependência e a tagarelice, a fala sem medida que visa capturar o outro, para uma defesa masoquista, assim definida na caracterologia loweniana. A ferida de Eco não é visível, é protegida pela dedicação e ressonância ao outro.

Na sua história consta que rejeitou o amor de Pan, o deus dos bosques e pradarias, e uma compreensão desta passagem é que Eco busca no seu desenvolvimento não mais ligar-se a tudo (Pan), mas busca o singular, ser auto-contida narcisicamente, Eco anseia Narciso.

E Narciso, quem é? Ele também não foi refletido, é filho da violência, sua mãe foi tomada à força pelo rio Céfiso. Sua beleza desmedida é vivida como ameaça aos deuses, daí a consulta que sua mãe, Liriope faz a Tirésias. Prefere a ilusão do outro a realmente um outro.

Eco segue Narciso pelos bosques e se apaixona. O encontro dos dois na adolescência, fase marcada da vida na qual o desenvolvimento pressiona para se separar da família e abrir-se para o outro, inicia uma possibilidade, pois os dois pedem presença. Esta passagem no mito, relatada pelo poeta latino Ovídio (Brandão,1991), nos assinala primeiro a esperança, e depois o desespero de Eco e a seguir de Narciso, já numa evolução para estados mais patológicos. Eco ao ser rejeitada por Narciso envergonha -se, esconde-se, deixa de se alimentar e se retira para as montanhas, definindo até a morte. Narciso, condenado pela deusa da justiça, Nêmesis, apaixona-se por sua imagem, pensando que é outro e também num desespero crescente de tentar alcançar esta imagem chega à morte. No lugar de sua morte nasce narciso, a flor branca com o centro amarelo, que, como o próprio nome diz, vem de narkos, o que entorpece, e que pode ser visto como símbolo da paralisação do processo de desenvolvimento dos dois jovens. Sim, a flor narciso aparece em outro mito, a vida continua a buscar fluxo, mas aí já é outra história...

Byington (2003) escreve que “Narciso representa entre muitas coisas, o yang, o agente, o que brilha, é foco de atenção, o que inova. Eco, pelo contrário, é receptiva, yin, incolor, abnegada, não cria, só ecoa”. Diz que se observa claramente pessoas com uma dominância narcísica e outras ecoísta na personalidade.

Pessoas narcisistas têm atração por aquelas que renunciaram uma parte do seu narcisismo e vice-versa, o narcisismo de outra pessoa exerce grande atração para os que buscam reconhecimento. Todos conhecemos relações onde um é o centro e o outro gira em torno deste centro, como um satélite em torno do planeta. Através destes dois personagens podemos aprofundar a leitura da dinâmica individual, e da relação dos pares, dos casais,



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

REVOREDO, Luiza. Ecoísmo e Narcisismo numa visão bioenergética. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 13º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [978-85-87691-13-2]. Acesso em: ____/____/____.

sócios, amigos, professor-aluno, psicoterapeuta-paciente, observando as fixações nas funções e desdobrar aspectos que podem ser liberados dos padrões, reconstruir a pulsação e relações criativas. A clínica bioenergética se propõe a isto, a revitalizar zonas que perderam potência, sempre liberando a Vida, então Eco precisa desenvolver seu Narciso e Narciso precisa desenvolver seu Eco.

Patricia Berry (1982) faz uma análise que inclui a beleza de Eco, reconhecendo que Eco não origina, só repete, mas que desta forma tem um importante papel para que algo se origine, lembrando desde a passagem em que Eco distraía Hera permitindo assim que Zeus povoasse o mundo, até a função da repetição compulsiva, que busca uma presença aonde não teve, para que uma compreensão se faça e o ser se ponha em fluxo. Ao nos ouvir através do outro, temos a chance de nos reconhecer em no vos aspectos, se ampliarmos para a função psicoterapeuta, diremos que um bom psicoterapeuta precisa ter um bom contato consigo para não ficar na repetição e criar, ainda que a imitação de modelos tenha um lugar no seu desenvolvimento. Precisa também atenção para não ecoar indiscriminadamente conteúdos dos seus pacientes e dar conta das reações que provoca o que ecoa.

A paixão por Narciso inflama Eco e ela, que é só voz, aparece corporalmente quando ele propõe que se unam. Neste momento ela rompe com a imitação, mas a pressa em função do fogo que a consome não deixa espaço para a resposta do outro. Temos aqui a tarefa de construir a distância boa o bastante para perceber a si e ao outro, a ressonância só ocorre se estou em contato com meu corpo e sentimentos. Eco precisa da distância, do espaço vazio, é quando a ouvimos lá nas montanhas.

Quando fixados na posição ecoísta, precisamos abrir o canal da voz pelo choro e grito, recuperando a corporeidade perdida, narcisando a si próprio, reconstruindo a própria estima e os seus limites, tendo no ecoar sua grande qualidade, a capacidade de ressoar os espaços onde há vida a ser des-coberta, com a liberdade de criar o novo e o diverso sempre.

Já aos narcisistas, que amam sua imagem e são insensíveis ao outro, cabe a tarefa de buscar o seu Self, sua corporeidade também perdida, liberando também sua raiva e dor profunda. A reflexão tem um papel fundamental no seu desenvolvimento, mas também a introspecção exige uma medida boa o bastante para reconhecer-se e não ficar fechado em si. De qualquer forma, ver-se não pode ser o fim último e sim realizar sua essência, que é amar e ser amado. É na essência que podemos ecoar a vida em nós mesmos, no outro, na família, na cultura, no planeta.

REFERÊNCIAS



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

REVOREDO, Luiza. Ecoísmo e Narcisismo numa visão bioenergética. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 13º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [978-85-87691-13-2]. Acesso em: ____/____/____.

BALENCIAGA, I. **Co-dependencia y literatura** – a co-dependencia en la antigüedad clásica. Disponível em: www.telefonica.net/web2/ijpm/red-2000.pdf. Acesso em: 09/01/2008

BYINGTON, C. **A construção amorosa do saber** – O fundamento e a finalidade da Pedagogia Simbólica Junguiana. São Paulo: Ed Religare, 2003

BERRY, P. Echo's subtle body. In: **Echo's passion**. New York: Spring Publications, Inc, item VII, 1982

BRANDÃO, J. S. **Mitologia grega**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1991, vol. II, item IV. LOWEN, A. **Narcisismo**: negação do verdadeiro Self. São Paulo: Ed. Cultrix, 1983.

MONTAGNA, P. Narcisismo: considerações atuais. In: **Junguiana - Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**. São Paulo: 1996, nº 14.

MONTELLANO, R. Transtornos de la personalidad narcisista. In: **Psicopatologia psicodinâmica simbólico-arquetípica 1**. Montevideo: Universidad Católica - Prensa Médica latinoamericana, 2006

Narcisismo: considerações atuais. In: **Junguiana - Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**. São Paulo: 1996, nº 14.

Luiza Revoredo/SP - Psicóloga (PUC-SP/77), Psicoterapeuta Reichiana (SEDES/81) e Analista Bioenergética (SOBAB/IIBA/90). Local trainer do IABSP e professora do Cochicho das Águas. Trabalha em clínica com adolescentes, adultos, casais e supervisão e se dedica à análise do movimento corporalista no Brasil e atualização teórico-técnica da Análise Bioenergética. Membro do grupo que promove as 3BIOS.

Email: luizarevoredouol.com.br